

ARTIGO ORIGINAL

LEVANTAMENTO DO USO DE MEDICAMENTOS ISENTOS DE PRESCRIÇÃO EM ACADÊMICOS DOS CURSOS DE FARMÁCIA E DE MEDICINA EM UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA DE ENSINO SUPERIOR EM SÃO PAULO/SP

AUTORES: DANTE FERREIRA DE OLIVEIRA^{1,1}; GRAZIELA CABRAL DA SILVA²; JAQUELINE BELLIZARIO DE OLIVEIRA²; VICTOR DARE MUNHOZ DE FREITAS²

¹Docente do Curso de Farmácia da Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo/SP – Brasil

²Discentes do Curso de Farmácia da Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo/SP – Brasil

RESUMO

Os Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs) integram uma categoria de medicamentos que podem ser dispensados sem exigência de prescrição: o usuário pode adquirir sem qualquer orientação de profissional da saúde por estarem ao seu alcance para obtenção por meio de autosserviço. O presente estudo quantitativo, com caráter descritivo e transversal, levantou dados referentes ao uso de Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP) por acadêmicos de Farmácia e Medicina do primeiro a quarto ano de uma universidade privada de ensino superior da cidade de São Paulo para analisar prevalência da automedicação e identificar o principal medicamento utilizado. O estudo foi realizado por meio de aplicação de um questionário estruturado de 12 questões de caráter obrigatório e uma questão de caráter facultativo. Foram entrevistados 257 acadêmicos de Farmácia e Medicina com a faixa etária predominante entre 18 e 22 anos 56,8% (n= 146), sendo o gênero feminino 84,8% (n= 218) preeminente. A prática da automedicação ocasionalmente se fez presente em 81,7% (n= 210), enquanto 16% (n= 41) relatou muita frequência, referindo-se a maior queixa como dores de cabeça 81,7% (n= 210) e a dipirona 58,4% (n= 150) apontada como a mais utilizada. Apenas 0,4% (n= 1) referiram a automedicação como “nunca efetivo”, justificando a razão dos Medicamentos Isentos de Prescrição serem tão difundido entre esses cursos e apontando a necessidade de maior conscientização desses estudantes da área da saúde, a fim de evitar que a prática desenfreada seja transmitida à população em geral.

Palavras-chave: Medicamentos Isentos de Prescrição; Acadêmicos; Automedicação.

¹Autor correspondente

Dante Ferreira de Oliveira - E-mail: dante.oliveira@anhembi.br - ORCID: E-mail: <https://orcid.org/0000-0003-2105-0659>

ABSTRACT

Over the counter medicines (OTC) are part of a category of drugs that can be sold directly to a consumer without requirement for a prescription: the user can purchase without any guidance from a health professional, because they are within their reach to obtain through self-service. The present quantitative study with a descriptive and transversal character raised data referring to the use of the over the counter medicines by pharmacy and medicine students from the first to the fourth year of a private university in the city of São Paulo to analyze the prevalence of self-medication and identify the main medication used. The study was carried out by applying a structured questionnaire with 12 mandatory question. 257 pharmacy and medicine students were interviewed with the predominant age group between 18 and 22 years old 56.8% (n= 146), with the female gender being 84.8% (n= 218) preeminent. The practice of self-medication was occasionally present in 81.7% (n= 210), while 16% (n= 41) reported a lot of frequency, referring to the biggest complaint as headaches 81.7% (n= 210) and dipyrone 58.4% (n= 150) pointed out as the most used. Only 0.4% (n= 1) referred to self-medication as “never effective” justifying the reason that OTC are so widespread among these courses and pointing out the need for greater awareness of these students in the health area, in order to prevent unrestrained practice from being transmitted to the general population.

Keywords: Over-the-counter drugs; Students; Self-medications.

INTRODUÇÃO

Os Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs) integram uma categoria de medicamentos que podem ser dispensados sem exigência de prescrição: o usuário pode adquirir sem qualquer orientação de profissional da saúde por estarem ao seu alcance para obtenção por meio de autosserviço no estabelecimento comercial [1]. Além disso, são comumente utilizados decorrente a insatisfação com demora e qualidade no atendimento, fazendo com que o indivíduo opte por um tratamento de rápido alívio dos sintomas [2]. A propaganda e promoção são fatores incitantes a aquisição de um medicamento, assim como a influência familiar e do ciclo de amigos e o acesso facilitado aos medicamentos isentos de prescrição [1].

Chamados também de medicamentos de venda livre ou OTC (sigla inglesa de “over the counter”, de tradução literal “sobre o balcão”), são indicados para tratar doenças de alta morbidade e baixa gravidade, cuja relação risco-benefício é favorável e a segurança é fator determinante quando são utilizados seguindo orientações [1].

Para a população em geral, o uso de MIPs pode ser uma boa alternativa quando utilizados de forma consciente, podendo ocasionar a diminuição de atendimentos hospitalares no tratamento de doenças de menor urgência. No entanto, outro fator a ser considerado está relacionado ao uso incorreto e indiscriminado que pode levar a sérias complicações, inclusive à morte. Essa preocupação tornou-se tão grande no âmbito político e socioeconômico, sendo

considerado um problema de saúde pública [3].

Portanto, acompanhamento farmacêutico na dispensação e orientação de medicamentos à população reforça que os estabelecimentos que comercializam medicamentos se constituem num centro prestador de serviço de forma a garantir que o abuso e o uso incorreto não afluam nos costumes da população [4].

Um estudo realizado em uma Universidade Estadual da Bahia analisou a prática da automedicação em graduandos de cursos da área da saúde, sendo eles Farmácia, Enfermagem, Medicina e Odontologia e não apontou distinções entre eles, tampouco relação entre o conhecimento obtido durante a graduação e a automedicação [5].

A população brasileira, mais especificamente do gênero feminino, é adepta a prática da automedicação, com algumas diferenças regionais, afirma estudo realizado no Brasil a fim de avaliar a prevalência da automedicação [6].

Em um estudo realizado na Arábia Saudita [7], sobre a prevalência da automedicação em graduandos de Farmácia e Medicina, observou-se que os MIPs são as drogas de escolha para a prática da automedicação e uma predominância entre estudantes de Medicina, entretanto, mostraram entender a importância da responsabilidade na automedicação. Também foi observado aumento no uso de multivitamínicos. Os Medicamentos Isentos de Prescrição são mais consumidos comparados aos que exigem prescrição médica no ato da dispensação, entretanto não se enquadram como isentos de riscos [8].

MATERIAL E MÉTODO

Realizou-se um estudo quantitativo, com caráter descritivo e transversal, no qual foram levantados dados através de um roteiro estruturado referentes ao uso de Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP) por estudantes de Farmácia e Medicina do primeiro a quarto ano de uma universidade privada da cidade de São Paulo para analisar os fatores que levam a automedicação e identificar os principais grupos terapêuticos utilizados. Os princípios de ética foram seguidos Resolução N°466/2012 [9], e a pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, segundo parecer de número: 3.218.183.

Foram coletadas informações de 257 estudantes no período de maio de 2020 a junho de 2020 que responderam o formulário on-line hospedado na plataforma do Google Forms. Os dados foram coletados através de 12 questões de caráter obrigatório que incluíam ano atual da graduação, gênero, idade, conhecimento do que são MIPs, frequência de automedicação, sentimento relacionado a segurança ao se automedicar, situação que leva a automedicação, qual o critério de escolha, bem como quais sintomas levam ao uso, quais medicamentos mais utilizados, frequência da efetividade do medicamento e se a indicação de um Medicamento Isento de Prescrição se faz presente na vida do estudante. A última questão, de caráter facultativo, aberta apenas àqueles que responderam “sim” no item anterior, visava obter o retorno quanto ao critério utilizado na indicação. Para análise estatística, foi utilizado o material gerado de maneira automática pela plataforma utilizada no estudo, bem como criação de uma estatística visual tabelada com o auxílio do programa Microsoft Excel (2010). Foram utilizados como referência artigos que compreendem o ano de 2015 – 2020.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 257 estudantes que responderam ao questionário, a maior parte encontra-se no quarto ano da graduação (36,6%), sendo o último ano no curso de Farmácia, seguido do segundo ano (30,4%), terceiro ano (21,4%) e o primeiro ano com 11,7% de estudantes. Isso justifica o resultado obtido ao questionar se os estudantes sabem o que são Medicamentos Isentos de Prescrição, a majoritária parcela respondeu que sim (94,9%). Do total de participantes, 84,8% (n= 218) são do sexo feminino.

Tabela 1 – Perfil dos acadêmicos de Farmácia e Medicina (1º a 4º ano) participantes do estudo.

Pesquisa	Estudantes	
	Quantidade	Porcentual (%)
Idade		
<18	4	1,6
18 a 22	146	56,8
23 -27	73	28,4
>28	34	13,2
Gênero		
Feminino	218	84,8
Masculino	39,1	15,2
Graduação		
Primeiro ano	30	11,7
Segundo ano	78	30,4
Terceiro ano	55	21,4
Quarto ano	94	36,6

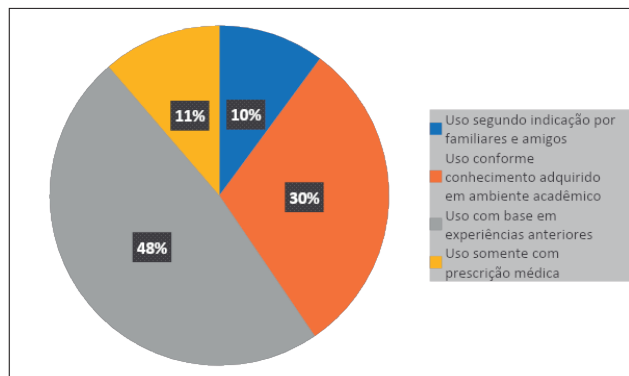
Fonte: Autores.

Um resultado semelhante foi encontrado em um estudo realizado na Bahia [5] com estudantes da área da saúde, aonde 65,1% (n= 136) estudantes participantes do estudo eram mulheres. Estudo realizado no Paraná referente a automedicação em adultos, chegou à conclusão semelhante, aonde uma predominância entre as idades de 20 a 50 anos [10].

O estudo revela que 81,7% (n= 210) dos participantes praticam a automedicação ocasionalmente, enquanto 16% (n= 41) relatou muita frequência, totalizando 97,7% (n= 251) dos acadêmicos de Farmácia e Medicina que se automedicam, resultado diferente do encontrado em estudo da Arábia Saudita [11], aonde apenas um pouco mais da metade 55,1% (n= 248) dos estudantes responderam que recorrem a automedicação. No entanto, outro estudo realizado em estudantes da saúde [7], também da Arábia Saudita, revelou um resultado semelhante, onde a prevalência da automedicação entre os estudantes de farmácia indicou 80% (n=218) e medicina 71% (n=193). Um estudo realizado no Rio Grande do Sul [12], demonstrou que 67,9% (n=87) dos estudantes tendem a desenvolver essa prática desde o ensino médio.

Quase a metade dos estudantes que participaram do estudo 49,4% (n= 127) revelaram que se sentem seguros fazendo a automedicação, justificando que a segurança advém de conhecimentos prévios. Foi respondido por 31% (n= 78) que a escolha por um MIP se dá por conhecimento adquirido em ambiente acadêmico, **gráfico 1**.

Gráfico 1 – Critério de escolha de um Medicamento Isento de Prescrição (MIP) utilizado pelos acadêmicos de Farmácia e Medicina (1º a 4º ano).



Fonte: Autores

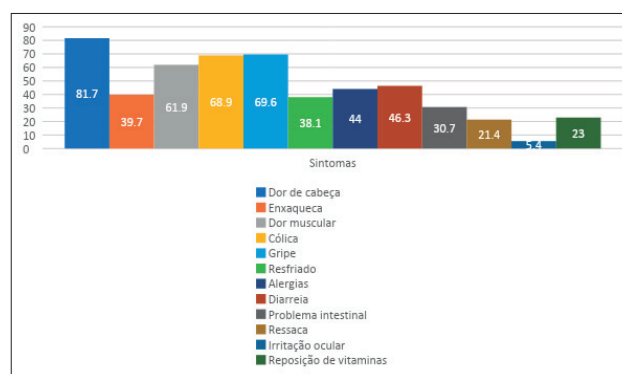
Um resultado bem semelhante foi encontrado em estudo realizado na Arábia Saudita [11], e Jordânia [13], onde o fator “conhecimento sobre medicamentos” foi relevante na decisão de automedicação. Entretanto, um estudo realizado numa Universidade no sul do Brasil que investigava a influência da área de formação na prática de automedicação [14] não observou diferença em função da área de formação. O presente estudo revelou que 35,8% (n= 92) de estudantes que se sentem seguros se automedicando por escolherem o que já foi prescrito anteriormente e 11% (n= 29) apontaram a prescrição médica como fator decisivo na escolha de um MIP. De 10% (n= 26) que escolhem o Medicamento Isento de Prescrição por indicação de familiares e amigos, apenas 5,4% (n= 14) se sentem seguros. De modo geral, as experiências anteriores 48% (n= 124) são fatores decisivos para que haja uma escolha na prática.

Das situações que levam os estudantes a se automedicarem, sobretudo com a utilização dos MIPs, a que mais se destacou foi por dor ou incômodo repentino 76,3% (n= 197) um quadro já demonstrado em um estudo realizado na atenção primária do SUS [15], onde a automedicação se mostrou prevalente entre os mais jovens que optavam por utilizar um medicamento por conta própria por experiência anterior ou por tê-lo ao seu dispor em casa. Outros fatores também se demonstraram importantes na tomada de decisão, como quadro que se repete com frequência 22,2% (n= 57) e com pouca menos relevância, a ineficácia do tratamento prescrito pelo médico 1,5% (n= 3).

Majoritariamente, o sintoma que mais leva a tal prática é a dor de cabeça 81,7% (n= 210). Diversos outros estudos, como o realizado em alunos e servidores de uma Escola Pública [8], apontam a dor de cabeça 67,9% (n= 127)

como responsável. Em uma Escola Estadual em Laranjal/MG [16], a dor de cabeça, febre, gripe e resfriado aparecem como fator determinante também. Um estudo realizado em estudantes jordanianos da saúde e de outras áreas [13], comprovou o uso de MIPs relacionando o período de graduação e sexo, predominando o terceiro e quarto ano e as mulheres. Os medicamentos mais utilizados foram os analgésicos principalmente quando a queixa era sobre dor de cabeça e dor de dente, no **gráfico2** podemos identificar semelhanças no nosso estudo.

Gráfico 2 - Sintomas que os acadêmicos de Farmácia e Medicina (1º a 4º ano) da Instituição Privada de São Paulo/SP optarem por utilizar um Medicamento Isento de Prescrição (MIP).



Fonte: Autores

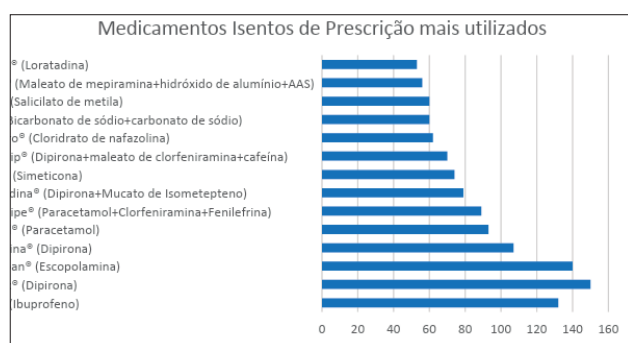
Observou-se que o Dorflex® (dipirona monoidratada, citrato de orfenadrina e cafeína) é o medicamento de escolha de 58,4% (n= 150) e é apontado numa análise comportamental da compra de MIPs [17], como medicamento mais citado. Em um estudo que avaliou a prevalência da automedicação no Brasil [6], os analgésicos (dipirona e suas associações) e, em sequência, os relaxantes musculares, foram apontados como os mais consumidos. A dipirona, princípio ativo do Dorflex®, não é comercializada na maioria dos países desenvolvidos, entretanto em países como Brasil, Alemanha e Espanha, é frequentemente utilizada [18]. Inúmeras reações adversas graves foram associadas ao uso de dipirona, como as síndromes de Stevens-Johnson e de Lyell que podem ocorrer em casos isolados. Distúrbios associados ao sistema imunológico podem apresentar-se à princípio como leves e, posteriormente, progredirem para formas mais graves, como, por exemplo, queda da pressão sanguínea, urticária generalizada, angioedema e broncoespasmo grave [19].

A ingestão de bebidas alcoólicas juntamente com a administração de determinadas classes de fármacos pode

resultar em potencialização ou inibição do efeito esperado. O etanol ingerido cronicamente com o Tylenol® (paracetamol) usado por 36,2% (n= 93) dos estudantes são capazes de aumentar os metabólitos hepatotóxicos reativos e elevar o risco de necrose hepática [20,21]. Além disso, a utilização concomitante com o Cimegripe® (cloridrato de fenilefrina, paracetamol e maleato de clorfeniramina) 34,6% (n= 89) pode potencializar o efeito depressor que o álcool causa no indivíduo [22]. Em pacientes com problemas de coagulação, o paracetamol pode agravar o quadro [2].

No **gráfico 3**, podemos observar quais MIPs são mais utilizados entre os estudantes, e os que se destacam são os antiinflamatórios não esteroidais que, sem dúvidas, são empregados com muito mais frequência em comparação aos outros. Estão entre eles: o Tylenol®, Advil® (ibuprofeno) com 51,4% (n= 132), Dorflex® e Cimegripe®.

Gráfico 3 – Relação dos catorze Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs) mais utilizados pelos acadêmicos de Farmácia e Medicina (1º a 4º ano) de uma Instituição Privada de São Paulo/SP.

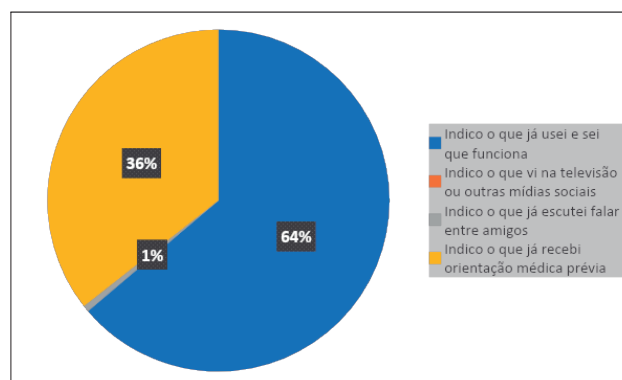


Fonte: Autores

A efetividade da automedicação nos graduandos foi apontada em dois níveis – muita frequência 72,4% (n= 186) e ocasionalmente 27,2% (n= 70). Em uma avaliação da prática da automedicação em acadêmicos de Farmácia numa Universidade em Fortaleza/CE [23], 93,1% (n= 189) graduandos disseram que nunca apresentaram reações adversas ao se automedicarem, o que também pode ser apontado como um fator que leve a tal fato.

O estudo observou que 58,4% (n= 150) dos estudantes indicam medicamentos para familiares e amigos, e 64% (n=104) realiza essa indicação com base no que funciona para eles, como demonstrado no **gráfico 4**.

Gráfico 4. Critério para indicação de Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP) para amigos, colegas e familiares utilizado pelos acadêmicos de Farmácia e Medicina.



Fonte: Autores

Esse é um fator preocupante, considerando que o uso irracional de medicamentos pelo mundo tem sido caracterizado como um abuso, visto que, para a compra desses medicamentos, não é necessário prévia receita, prescrição médica ou farmacêutica [24]. Ademais, o uso indevido de medicamentos pode trazer consequências a curto e longo prazo, pelo fato de apresentarem contra indicações que variam de pessoa para pessoa, como hipersensibilidade aos fármacos ou a qualquer componente da formulação, gravidez e lactação [19].

Desta maneira, o fato de 36% (n= 58) indicar medicamentos baseados em orientação médica não deve ser vista como algo positivo. Um estudo realizado em uma Escola Pública em Ouro Preto/MG [8], revelou que, embora 70,7% (n= 191) considerar as propagandas de medicamentos pouco ou nada confiáveis 45,2% (n= 122) fez uso de medicamentos por influência delas. Na presente pesquisa, a mídia não se fez presente na indicação de medicamentos à amigos, familiares e colegas (n= 0).

CONCLUSÃO

No presente estudo, concluiu-se que o uso de MIPs entre acadêmicos dos cursos de Farmácia e Medicina é altamente predominante, sendo a maioria do quarto ano. A graduação demanda estudo em frente a livros e computadores que podem ocasionar dores de cabeça [25], sintoma mais mencionado. Em complemento, um antiinflamatório não esteroidal (dipirona) foi apontado como o mais utilizado. Verificou-se que o conhecimento obtido em ambiente acadêmico é fator relevante para a escolha de um MIP. Além disso, a segurança e eficácia do tratamento sem prescrição médica pode sugerir uma condição que estimule ainda mais tal prática. O estudo reforça a indispensabilidade da conscientização do uso correto de medicamentos no ambiente acadêmico, evitando que essa prática desenfreada seja passada para a população.

REFERÊNCIAS

- [1] CRF-SP. Farmácia não é um simples comércio. *Opas* 2010;107(2):7-8.
- [2] Paula A, Mello Q, Quinta A, Kaori G. O Uso Irregular Dos Medicamentos Isentos De Prescrição Médica E Os Possíveis Efeitos Da Automedicação. In: *Anais 8º Congresso de extensão universitária da UNESP*; 2015 out. 1-2; Campos de Assis, Brasil. São Paulo: PROEX; 2015. p. 4.
- [3] Tesfamariam S, Anand IS, Kaleab G, Berhane S, Woldai B, Habte E, et al. Self-medication with over the counter drugs, prevalence of risky practice and its associated factors in pharmacy outlets of Asmara, Eritrea. *BMC Public Health*. 2019;19(1):1–9. DOI: 10.1186/s12889-019-6470-5
- [4] Moura BV. Farmácia: a porta de entrada para o acesso a medicamentos para idosos residentes em Santos Pharmacy: a gateway to access to medicines for elderly individuals living in the city of Santos. *Saúde e Soc*. 2012;21(2):399–409. DOI: 10.1590/S0104-12902012000200013.
- [5] Amaral L, Silva DF, Macedo A, Rodrigues DS. Automedicação entre estudantes de cursos da área de saúde. *Rev Bras Farm*. 2014;95(73):962–75.
- [6] Arrais PSD, Fernandes MEP, Pizzol T da SD, Ramos LR, Mengue SS, Luiza VL, et al. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. *Rev Saude Publica*. 2016;50(supl 2):1–11. DOI: 10.1590/s1518-8787.2016050006117.
- [7] Hanna LA, Hall M, Duffy D. Practice research How do pharmacists and nurses learn to prescribe – a qualitative study decision support systems on antibiotic prescribing in secondary care: 2015;23(April):23–106. DOI: 10.1016/j.cptl.2016.02.012.
- [8] Matos JF, Pena DAC, Parreira MP, Santos T do C dos, Coura-Vital W. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. *Cad Saúde Coletiva*. 2018;26(1):76–83. DOI: 10.1590/1414-462x201800010351.
- [9] BRASIL. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Resolução n. 466, de 12 de dez de 2012. Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. *Diário Oficial da União, Brasília*, 12 dez; 2012.
- [10] Araújo Junior JC, Vicentini GE. Automedicação em adultos na cidade de Guairaçá - PR. *Arq Ciências Saúde UNIPAR*. 2007;11:83–8.
- [11] Albusalih F, Naqvi A, Ahmad R, Ahmad N. Prevalence of Self-Medication among Students of Pharmacy and Medicine Colleges of a Public Sector University in Dammam City, Saudi Arabia. *Pharmacy*. 2017;5(4):51.
- [12] Abrahão RC. Automedicação e comportamento entre adolescentes em uma cidade do Rio Grande do Sul. *Aletheia*. 2013;(41):134–53.
- [13] Alshogran OY, Alzoubi KH, Khabour OF, Farah S. Patterns of self-medication among medical and nonmedical university students in Jordan. *Risk Manag Healthc Policy*. 2018;11:169–76. DOI: 10.2147/RMHP.S170181.
- [14] Galato D, Madalena J, Pereira GB. Automedicação em estudantes universitários: A influência da área de formação. *Cienc e Saude Coletiva*. 2012;17(12):3323–30. DOI: 10.1590/S1413-81232012001200017.
- [15] Costa CMFN, Silveira MR, Guerra Junior AA, Costa EAI, Acurcio FAI, Guibu IAIII, et al. Utilização de medicamento pelos usuários da atenção primária do Sistema Único de Saúde. *Rev Saude Publica*. 2017;51 Supl 2:18s.
- [16] Barbosa LB, Boechat MSB. Perfil da Automedicação em Estudantes do Município de Laranjal-MG. *Acta Biomed Bras*. 2012;3(1):98–109.
- [17] Kiyotani BP. Análise do comportamento de compra de medicamentos isentos de prescrição e da automedicação. Monografia [Graduação em Farmácia-Bioquímica] - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2014;1:43. DOI: 10.11606/s1518-8787.2017051007144.
- [18] Arruda LK. Classificando reações de hipersensibilidade a. *Arq Asma, Alerg e Imunol*. 2014;2(3):83–6.
- [19] Dipirona monoidratada. [Bula]. Hortolândia: 2019.
- [20] Katzung BG. *Farmacologia Básica e Clínica*. 10a Edição. Rio de Janeiro: Mc Graw Hill; 2014. 1216 p.
- [21] CRF-SP. Medicamentos e álcool: mistura perigosa [Internet]. 2017 [acesso em 09 ago 2020]. p. 1. Disponível em: <<http://www.crfsp.org.br/noticias/8338-medicamentos-e-alcool-mistura-perigosa-no-carnaval.html>>
- [22] Cimegripe (paracetamol + maleato de clorfeniramina + cloridrato de fenilefrina). [Bula]. São Paulo: Cimed Indústria de Medicamentos Ltda; 2018.
- [23] Lima DM, Silva J de S da, Vasconcelos LF, Cavalcante MG, Carvalho AMR. Avaliação da prática da automedicação em acadêmicos do curso de Farmácia em uma instituição privada de ensino superior em Fortaleza-Ce. *Rev Expressão Católica Saúde*. 2018;2(1):17.
- [24] Sujit S, Sangiry, Archita H, Bhansali, Shweta S, Bapat QX. Abuse of over-the-counter medicines: a pharmacist's perspective. *Dovepress* 2017;1–6.
- [25] Estepa APC. Saúde visual no trabalho e a síndrome da visão do computador em professores universitários. Campinas. Dissertação [Mestrado em Saúde Coletiva] - Universidade Estadual de Campinas UNICAMP; 2014.